

Globethics Repository

The logo for Globethics, featuring the word "Globethics" in white sans-serif font on a blue rectangular background.

“Os Sertões é uma obra matricial para pensarmos a cultura brasileira” ["Os Sertões is a matrix work to think about Brazilian culture"]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository. More information on Globethics see <https://www.globethics.net>. Data and content policy of Globethics Repository see <https://repository.globethics.net/pages/policy>.

Item Type	Article
Authors	Wolfart, Graziela
Publisher	Instituto Humanitas Unisinos - IHU
Rights	With permission of the license/copyright holder
Download date	2026-07-15 07:22:57
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/160716

“Eles nos chamam a não ter medo, a sentir sua presença que nos impele a buscar dentro das profundezas de nossa identidade ancestral caminhos iluminados para caminhar em meio às lutas de libertação”

nosso agir têm relevância. Por isso, falar deles e de nossa realidade atual é tão necessário como participar de movimentos amplos de transformação social. Os atores que mantêm Honduras sob estado de sítio após o golpe de Estado são os mesmos que mataram Martín-Baró, os que assessoraram o exército salvadorenho e mataram centenas de milhares de pessoas, de jovens, de crianças. Nossa realidade centro-americana de pobreza extrema, de violência e morte nos chama a participar no fortalecimento de uma trama social que busca a vida, a paz e a dignidade. Em Chiapas, nos últimos meses, o governo, empresários e sicários assassinaram líderes comunitários e jovens integrantes de organizações camponesas e indígenas, como Trinidad Martínez, Mariano Abarca, entre outros, são nossos mártires de hoje. E eles nos chamam a não ter medo, a sentir sua presença que nos impele a buscar, dentro das profundezas de nossa identidade ancestral, caminhos iluminados para caminhar em meio às lutas de libertação.

LEIA MAIS...

>> Para saber mais sobre Ignacio Martín-Baró, acesse o Memorial disponível na página do Instituto Humanitas Unisinos - IHU: http://www.ihu.unisinos.br/index.php?option=com_content&task=view&id=330&Itemid=102

>> Confira detalhes sobre a inauguração da Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros, que acontece nesta quinta-feira, dia 10 de dezembro, no Instituto Humanitas Unisinos - IHU: http://www.ihu.unisinos.br/index.php?option=com_content&task=view&id=330&Itemid=102

“Os Sertões é uma obra matricial para pensarmos a cultura brasileira”

“De acordo com alguns intérpretes, Euclides da Cunha talvez tenha escrito *Os Sertões* de trás para frente”, conta o historiador Marçal Paredes

POR GRAZIELA WOLFART E GREYCE VARGAS

Doutor em História, Marçal de Menezes Paredes nos concedeu a entrevista a seguir sobre Euclides da Cunha, dando continuidade ao debate feito na revista IHU On-Line da semana passada. “O paradoxo de Euclides da Cunha reside justamente naquilo que ele consegue manifestar - através da utilização dos oximoros - apesar do que os pressupostos da ciência do século XIX permitiam ver. Ou seja, Euclides trabalha com a ambiguidade entre os conceitos do “sujeito” (da ciência, do ponto de vista abstrato) e as características de seu ‘objeto’”, escreveu ele na entrevista que nos concedeu por e-mail.

Marçal de Menezes Paredes é graduado em Ciências Sociais pela PUC-RS, onde também fez o mestrado em História. Na Universidade de Coimbra (Portugal), realizou o doutorado em História. Atualmente, é professor na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Também é professor no Programa de Pós-Graduação em Ciências Criminais da PUC-RS. É autor de *Um Sertão brasileiro: Tempo, História e Memória em Os Sertões de E. da Cunha* (Curitiba: Juruá, 2002). Confira a entrevista.

IHU On-Line - O que caracteriza a visão de Euclides da Cunha da identidade brasileira?

Marçal de Menezes Paredes - A interpretação que Euclides da Cunha¹ faz da Identidade Brasileira tornou-

se verdadeiramente um clássico e, como tal, sofreu (e sofre) múltiplas interpretações. Obviamente, a cada nova interpretação, novas características de sua obra são posta em evidência. Em minha opinião, em *Os Sertões*, Euclides funda uma compressão da Identidade brasileira a partir da oposição entre Litoral e Interior. Para ele, dois tipos de mestiços havia no país: o do litoral, que vivia sob uma “civilização de empréstimo” e, outro, do interior, que mesmo se afastando dos parâmetros tomados como certos pelo eurocentrismo científico do final do século XIX, apresentava o que mais faltava aos brasileiros do litoral: vínculo à terra. O sertanejo torna-se “antes

¹ Euclides da Cunha (1866-1909): engenheiro, escritor e ensaísta brasileiro. Entre suas obras, além de *Os Sertões* (1902), destaca-se *Contrastes e confrontos* (1907), *Peru versus Bolívia* (1907), *À margem da história* (1909), a conferência *Castro Alves e seu tempo* (1907), proferida no Centro Acadêmico XI de Agosto (Faculdade de Direito), de São Paulo, e as obras póstumas *Canudos: diário de uma expedição* (1939) e *Caderneta de campo* (1975). Confira a edição 317 da revista IHU On-Line, de 30-11-2009, intitulada *Euclides da Cunha e Celso Furtado. Demiurgos do Brasil*, disponível para download em <http://www.ihuonline.unisinos.br/uploads/edicoes/1259610538.5626pdf.pdf>. (Nota da IHU On-Line)

de tudo, um forte”, como diz Euclides, por estar harmonizado com o sertão, por defendê-lo na luta e não abandoná-lo na seca. Deste modo, além da oposição entre litoral e interior, Euclides também manifesta os problemas de interpretar o Brasil profundo a partir das lentes etnocêntricas do cientificismo de sua época. Euclides percebeu este problema, que de alguma forma, ainda é o nosso problema: fundar uma hermenêutica histórica da cultura brasileira.

IHU On-Line - Quais os principais pontos da releitura que o senhor faz da obra *Os Sertões*, sob o viés da formação das identidades nacionais?

Marçal de Menezes Paredes - De acordo com alguns intérpretes, Euclides talvez tenha escrito os *Sertões* de trás para frente. Explico. Na releitura que faço da obra, percebo grande eco dos escritos do seu Diário (publicado pela Cia das Letras, sob organização de Walnice Nogueira Galvão) na terceira parte do livro, *A Luta*. Por isso, acredito que a primeira parte e segunda - *A Terra e o Homem* - são ensaios que buscavam compreender - através dos parâmetros do Determinismo Geográfico e do Determinismo Biológico - “o fato” da Guerra de Canudos. Nestas partes, o autor se utiliza de grande manancial de conhecimentos que vão da Geologia e da Botânica à Etnologia e Sociologia. Na terceira parte, por sua vez, ainda está vibrando o jornalista (Euclides foi para o sertão como enviado especial do *Jornal A Província de S. Paulo*), mas este vem mesclado com o historiador da batalha. Como se vê, concordo com Guilhermino César² quando ele diz que *Os Sertões* é um “livro-estuário”, pois para lá correram águas de diversos rios (as diversas dis-

2 **Guilhermino César** (1908-1993); escritor, jornalista, professor e historiador brasileiro. Aos 19 anos, em Cataguases, foi um dos fundadores da *Revista Verde*, de caráter modernista. Mudou-se para o Rio Grande do Sul, onde tornou-se cronista e crítico literário do *Correio do Povo*. Foi chefe do gabinete do governo de Ernesto Dorneles, professor da UFRGS, ministro do Tribunal de Contas do Estado do Rio Grande do Sul e Secretário da Fazenda. Foi também presidente do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul. Atuou na dramaturgia como diretor de algumas peças de teatro na década de 1940. Foi escolhido patrono da *Feira do Livro de Porto Alegre* em 1990. (Nota da IHU On-Line)

“Pela lógica de *Os Sertões*, o sertão é o cerne do interior do Brasil e o interior do Brasil é a essência da nação”

ciplinas) e o autor soube com maestria aglutinar esteticamente a contribuição de tão variados conhecimentos. É neste ponto que entra sua riqueza estilística e literária.

IHU On-Line - Em que sentido esta obra de Euclides da Cunha pode ser entendida como uma resposta à questão sobre quem é o brasileiro?

Marçal de Menezes Paredes - Em sentido total. Pela lógica de *Os Sertões*, o sertão é o cerne do interior do Brasil e o interior do Brasil é a essência da nação. O responsável pela tradução do livro para o alemão, o professor Bertold Zilly,³ explica isso muito bem. Quando Euclides fala do jagunço ele está falando, de alguma forma, de todos os habitantes do interior, dos lugares mais recônditos e inóspitos. Euclides traz ao de cima, à “consciência nacional” a importância de se pensar naquela “terra ignota” (aliás, título de um livro excelente de Luiz Costa Lima⁴, *Terra Ignota. A Construção de “Os Sertões”*. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira, 1997). Aliás, este o sumo do discurso que Silvio Ro-

3 **Bertold Zilly**: professor e tradutor do Instituto Latinoamericano da Universidade Livre de Berlim. É formado em literatura alemã e neolatina. Fez doutorado sobre Molière na Universidade Livre de Berlim, onde leciona língua portuguesa e literatura latino-americana. É membro do grupo internacional de pesquisa em Literatura e História - Clíope. Tem vários artigos publicados em revistas e livros coletivos no Brasil e na Alemanha. (Nota da IHU On-Line)

4 **Luiz Costa Lima** (1937): crítico literário, nasceu em São Luiz do Maranhão. Iniciou a carreira universitária em 1962, na Universidade de Pernambuco. Estudou na Espanha e nos Estados Unidos e doutorou-se em 1972 pela USP em Teoria da Literatura e Literatura Comparada. Foi professor visitante na Ruhr-Universität, Alemanha. (Nota da IHU On-Line)

mero⁵ fez para recepcionar Euclides da Cunha na Academia Brasileira de Letras: o ingresso nas letras e na consciência nacional da problemática do povo do interior brasileiro.

IHU On-Line - Onde reside o paradoxo de Euclides da Cunha em relação à questão da identidade nacional em *Os Sertões*?

Marçal de Menezes Paredes - O paradoxo de Euclides da Cunha reside justamente naquilo que ele consegue manifestar - através da utilização dos oximoros - apesar do que os pressupostos da ciência do século XIX permitiam ver. Ou seja, Euclides trabalha com a ambigüidade entre os conceitos do “sujeito” (da ciência, do ponto de vista abstrato) e as características de seu “objeto”. É fato que o brasileiro nunca se ajustou aos enquadramentos civilizacionais difundidos pela Europa. Mais evidente ainda é que sempre tivemos gerações de intelectuais e políticos tentando brincar de Dr. Jekyll e Mr. Hyde, “saneando”, “civilizando”, “branqueando” a nação. Em suma, transformando o país num pseudo-laboratório sociológico, tentando mudar a cara do povão para que ela ficasse mais “nos conformes”, nos preceitos ditos corretos. Preceito difundidos por uma Ciência que se dizia “universal” mas que na verdade era profundamente “local” (uma espécie de regionalismo europeu), e, assim sendo, era severamente etnocêntrica. Euclides chega no limite dessa discussão: ele afirma que o sertanejo é “desgracioso, desengonçado e torto” mas também diz que ele representa a “rocha viva da nossa nacionalidade”. Daí a riqueza do oximoro “Hercules-Quasímodo”, que expõe esta tensão e não a “resolve”. E por quê? Por que ela deve ser solucionada, como se de uma equação se tratasse. Deve ser refletida. Pensada. E isso a leitura de *Os Sertões* propicia. Se pensarmos bem, quando Euclides fala que o sertanejo tem um misto de Herói Grego com o Corcunda de Notre-Dame ele está quase no ponto de reconhecer que não interessa esperar encontrar a *Grécia Clássica* (como faziam os par-

5 **Silvio Vasconcelos da Silveira Ramos Romero** (1851-1814): poeta, escritor, crítico literário, filósofo e político brasileiro. (Nota da IHU On-Line)

nasianos) quando se olha para o povo brasileiro; interessa, sim, reconhecer este povo, respeitá-lo e vinculá-lo a uma imagem positiva da nação. Embora este passo só será dado pelo elogio do Aleijadinho, feita pelo Modernismo (por Mário de Andrade, por exemplo) é importante deixar manifesto que Euclides da Cunha já aponta nesse sentido, embora de forma ainda tensional e ambígua.

IHU On-Line - Como aparecem na obra de Euclides da Cunha os conceitos de identidade, memória e tempo?

Marçal de Menezes Paredes - O conceito de identidade aparece de forma ambígua, como tentei demonstrar mencionando a importância dos oximoros, sobretudo o Hércules-Quasímodo. Os conceitos de Memória e Tempo ficarão articulados e de alguma forma imbricam-se, embora sejam distintos. Como não podia deixar de ser, Euclides é um homem do seu tempo e é nesse sentido que se deve entender a famosa referência que ele faz sobre a “força motriz da história”. Esta idéia remete à uma percepção universalista, racionalista, teleológica e ontologizada do tempo histórico. Remete à tradição iluminista, à crença da época que dizia que a História tinha um “H” maiúsculo, tinha um rumo único, etapas de desenvolvimento bem estabelecidas e universais (as mesmas para todas as sociedades). Diz respeito, portanto, àquelas compreensões que o próprio Euclides tinha, antes viajar ao sertão, sobre a Guerra de Canudos. Dizia ele que Canudos era um movimento análogo à Revolta da Vendéia, movimento monárquico contrário à República proclamada na França em 1879. Euclides faz um paralelo entre os anti-republicanos franceses - *les chuan* - e os jagunços liderados pelo Conselheiro.⁶

⁶ Antônio Vicente Mendes Maciel, dito Antônio Conselheiro (1828-1897): chefe religioso brasileiro, que comandou a Guerra de Canudos, na Bahia. Exerceu várias profissões antes de se tornar beato e pregador. Depois de percorrer todo o interior nordestino, chegou a Itapicuru de Cima (BA), onde foi preso sob acusação de assassinato. Provando sua inocência, foi libertado e voltou a caminhar pelo sertão. Sua fama de milagreiro crescia sem encontrar oposição nos padres do interior, que viam nas suas pregações um elemento favorável ao renascimento da fé entre a população. Sua força se revelava principalmente em época de elei-

“A admiração dele pelo jagunço se alimenta do fato de ele enxergar no sertanejo aquilo que mais faltava aos brasileiros urbanos, do centro do país: amor à terra, apego ao seu quinhão de origem, bravura na luta, harmonia social”

Claro que esta aproximação é ilusória, mas ela revela a maneira como se pensava a República no Brasil e a própria História da Humanidade. Euclides acreditava que se a França teve que passar pela estágio de uma revolta anti-republicana também o Brasil teria de passar pela mesma experiência histórica. Esta idéia alimentou a construção ideológica do movimento de Canudos com sendo o principal obstáculo à evolução civilizacional brasileira, que na época era sinônimo de República. Passada a Guerra e depois de sua experiência no front de batalha, Euclides revê essa noção e faz, n’*Os Sertões*, um verdadeiro *mea culpa* republicano. O conceito de memória, por sua vez, se relaciona à produção da memória social deste conflito, onde Euclides

ção: os candidatos que apoiava sempre saíam vencedores. Com a queda da monarquia, manifestou-se em protesto profetizando que o fim do mundo seria em 1900. Retirou-se com os seus adeptos para Canudos, às margens do rio Vaza-Barris. Aí fundou uma “cidade santa”, comunidade baseada na propriedade coletiva da terra e dos rebanhos, limitando-se a propriedade privada às casas e aos bens móveis. Em pouco tempo entrou em conflito com os grandes proprietários da região. A situação agravou-se, provocando a intervenção federal (1896-1897). Quatro expedições oficiais foram necessárias para derrotá-lo e a sua gente. O episódio de Canudos está contado no livro de Euclides da Cunha, *Os sertões*. Morreu dois dias antes da derrota dos seus homens pelas tropas federais. (Nota da IHU On-Line)

tem papel importante, até porque seu livro se tornou uma referência obrigatória no assunto (embora não a única, nem naquele contexto).

IHU On-Line - Como Euclides da Cunha evidencia que as dualidades tradição/modernidade e objetividade/subjetividade não estão dissociadas na construção do discurso acerca da nacionalidade brasileira?

Marçal de Menezes Paredes - A relação entre tradição/modernidade e objetividade/subjetividade aparecem em dois planos: o individual e o coletivo. Ou seja, o do intelectual, do autor, e o do discurso sobre a Identidade Nacional. No primeiro, o individual, é fundamental perceber que Euclides muda seu posicionamento político em relação à Guerra de Canudos conforme ele vai se aproximando do local da Batalha, conforme ele vai conhecendo de perto o sertanejo e o sertão. Seu espanto pela força indômita do jagunço, pela beleza do sertão em época de chuvas, pela diferença radical entre aquelas paragens e o “centro” do país vai alterando gradualmente suas certezas tomadas de acordo com as teorias aprendidas desde os anos de formação militar. A subjetividade do homem Euclides, então, interfere profundamente na certeza do intelectual que era. Lá pelas tantas, no meio do caminho entre Salvador e Monte Santo, Euclides se ajoelha e reza junto com os sertanejos, num povoado simples, ao lado dos sertanejos, prenes daquela religiosidade simples e sincrética que lhe é própria. E lembre-se que Euclides era um republicano fervoroso, militar positivista e, obviamente, anticlerical. Mas a proximidade, a influência da ambiência social que ele experimentou indo para profundo Brasil fazem-no relativizar isso. E é aí, na minha opinião que começa a aparecer a força dos oximoros que ele utiliza: Tróia de Taipa (Canudos), Hércules-Quasímodo (o sertanejo). No outro plano, o relativo à construção da identidade nacional, deve-se voltar ao oximoro novamente, mas para observar a tensão entre a Ciência e sua proclamada “objetividade”. Como já disse, Euclides desnuda os limites dessa “objetividade” universal, e, portan-

to, do próprio conteúdo emancipatório da ciência, Quando ele afirma que a “campanha de Canudos foi um crime. Denuncie-mo-lo”, como o faz na Nota Preliminar do livro, ele está apontando para um problema epistemológico sério que só depois da Segunda Guerra Mundial o Ocidente começou a encarar. Afinal, o genocídio de Canudos foi feita em nome do Progresso Nacional, contra “rebeldes monárquicos” inventados, onde os liderados pelo Conselheiro tiveram apenas o papel de bucha de canhão, pois foram “construídos” na mídia da época, como os inimigos do país. Euclides faz um mea culpa republicano em seu livro.

IHU On-Line - Como a proximidade com o sertão modificou a compreensão de Euclides da Cunha do sertanejo e da nacionalidade brasileira?

Marçal de Menezes Paredes - A proximidade foi o grande motivo da mudança de opinião de Euclides da Cunha. Depois de ver que aquele jagunço era forte, honrado, bom de briga e, sobretudo, um tipo brasileiro que estava muito adaptado à região, Euclides modifica sua opinião sobre ele. Passa de uma condenação sumária a um elogio (embora às vezes ambíguo). O sertão fez com que a certeza dele sofresse um processo de descentramento radical e é esse descentramento que cauciona a relativização daquela anterior condenação do jagunço. De inimigo público número 1 ele passa a “rocha viva da nacionalidade”. Portanto, a viagem à Monte Santo foi importantíssima nesse processo.

IHU On-Line - Como entender a admiração de Euclides da Cunha pelo jagunço?

Marçal de Menezes Paredes - A admiração dele pelo jagunço se alimenta do fato de ele enxergar no sertanejo aquilo que mais faltava aos brasileiros urbanos, do centro do país: amor a terra, apego ao seu quinhão de origem, bravura na luta, harmonia social.

IHU On-Line - Pode explicar a forma como Euclides da Cunha focaliza a construção de discursos sobre a memória coletiva e qual é a sua relação com as identidades nacionais para recolocar a questão sobre quem é o

“Como pensar o Brasil com nossos critérios? Como olhar para nós mesmos despidos de preconceitos que fizeram parte da nossa própria formação? Este ainda é o nosso desafio e este também era o desafio de Euclides”

brasileiro?

Marçal de Menezes Paredes - A questão as identidades nacionais é bastante complexa e mereceria maior espaço para um adequado desenvolvimento. Contudo, quero destacar uma coisa: mesmo sendo um verdadeiro obcecado pela forma literária - ele mexeu e alterou incessantemente no estilo de todas as reedições que o livro teve enquanto esteve vivo - Euclides teve muito respeito com os cadernos de notas dos jagunços, que os soldados do exército coletaram depois da queda de Canudos. Notas escritas com erros gramaticais e ortográficos grandes, mas Euclides os transcreve na íntegra, deixando manifesto com a grafia dos jagunços as profecias de Antonio Conselheiro. Acho que isso dá um bom exemplo da honestidade intelectual do autor de *Os Sertões* e, em última análise, mostra um respeito grande pela memória coletiva dos sertanejos. No limite isso lembra um pedaço do Manifesto Pau Brasil, publicado 26 anos depois por Oswald de Andrade⁷: “*A contribuição milionária de todos os erros. Como falamos. Como somos*”. Falar de memória coletiva e identidade

⁷ Oswald de Andrade (1890-1954): poeta, romancista e dramaturgo. Nasceu em São Paulo, e estudou na Faculdade de Direito do Largo São Francisco. Sua poesia é precursora do movimento que marcou a cultura brasileira na década de 1960, o Concretismo. (Nota da IHU On-Line)

nacional, da definição sobre quem é o brasileiro pressupõe que aceitemos o artesanato lingüístico-popular que temos nas ruas, em cada esquina do Brasil. Euclides coleta isso lá no sertão. Depois dele, Guimarães Rosa⁸ reinventará isso e de maneira absolutamente brilhante.

IHU On-Line - Quais os principais dilemas que envolvem a formação histórica do Brasil e em que sentido Euclides da Cunha contribuiu para esse debate?

Marçal de Menezes Paredes - Em minha opinião, o principal dilema que temos, ainda hoje, para pensarmos a formação histórica da cultura brasileira diz respeito aos critérios a serem utilizados. Como pensar o Brasil com nossos critérios? Como olhar para nós mesmos despidos de preconceitos que fizeram parte da nossa própria formação? Este ainda é o nosso desafio e este também era o desafio de Euclides (e ele estava consciente disso, creio). Por isso, usa o oxímoro, como tentei atrás explicar. Sua contribuição é, portanto, fundamental. *Os Sertões* é uma obra matricial para pensarmos a cultura brasileira porque ela inaugura a percepção desta tensão epistemológica e cultural ao mesmo tempo.

⁸ João Guimarães Rosa (1908-1967): escritor, médico e diplomata brasileiro. Como escritor, criou uma técnica de linguagem narrativa e descritiva pessoal. Sempre considerou as fontes vivas do falar erudito ou sertanejo, mas, sem reproduzi-las num realismo documental, reutilizou suas estruturas e vocábulos, estilizando-os e reinventando-os num discurso musical e eficaz de grande beleza plástica. Sua obra parte do regionalismo mineiro para o universalismo, oscilando entre o realismo épico e o mágico, integrando o natural, o místico, o fantástico e o infantil. Entre suas obras, citamos: *Sagarana*, *Corpo de baile*, *Grande sertão: veredas*, considerada uma das principais obras da literatura brasileira, *Primeiras histórias* (1962), *Tutaméia* (1967). A edição 178 da IHU On-Line, de 02-05-2006, dedicou ao autor a matéria de capa, sob o título *Sertão é do tamanho do mundo*. 50 anos da obra de João Guimarães Rosa, disponível para download em <http://www.ihuonline.unisinos.br/uploads/edicoes/1158345778.17pdf.pdf>. De 25 de abril a 25-05-2006 o IHU promoveu o Seminário Guimarães Rosa: 50 anos de Grande Sertão: Veredas. (Nota da IHU On-Line)